

# Da mina de Socavão à mina a céu aberto: os novos pactos no caso do centro de mineração de Hualgayoc, Cajamarca, Peru<sup>1</sup>.

*From underground mining to open-pit mining: new pacts in the case of the mining center of Hualgayoc, Cajamarca, Peru.*

**Adriana Paola Paredes Penafiel\*<sup>1</sup>**

**Palavras-chave:**

Pactos;  
Mineração;  
Desenvolvimento

**Resumo:** Este trabalho trata das dinâmicas da mineração a céu aberto e seus efeitos da região andina de Cajamarca, ao norte do Peru. Por meio de pesquisa de abordagem etnográfica, realizada entre 2013 e 2014, analisa-se como o desenho de uma mina a céu aberto na cidade de Hualgayoc influencia as pessoas que inicialmente desenhavam na terra, os velhos mineradores de socavão. O objetivo deste artigo é estudar como a mina moderna hierarquiza, classifica e burocratiza as relações com as pessoas do lugar. No entanto, esta impessoalidade por parte da mina não é aceita pela população local que procura estabelecer acordos, principalmente com o Gerente de Relações Comunitárias. Os sucessos dos pactos tem um efeito destruidor para os marginalizados desse processo que são os que sofrem o desemprego, os preços altos, a contaminação e falta de água. A reflexão sobre esta forma de fazer pactos remete aos estudos da Antropologia sobre mineração e desenvolvimento.

**Keywords:**

Pacts;  
Mining;  
Development

**Abstract:** *This paper is about the dynamics of open-pit mining activity and related controversies in the Andean region of Cajamarca, Peru. Based on ethnographic research conducted between 2013 and 2014 in the region of Cajamarca, this work analyses how the design of an open-pit mine in the city of Hualgayoc influences people who used to be underground*

---

<sup>1</sup> Recebido em 18/06/2017. Aceito em 08/10/2017

\*1 Doutora em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora da FURG (campus São Lourenço do Sul). A pesquisa foi realizada com apoio da FAPERGS na forma de bolsa. E-mail: [adrianapenafiel@furg.br](mailto:adrianapenafiel@furg.br).

*miners. The goal of this paper is to analyze how a modern mine shapes and disciplines relations with communities and people from the urban center of Hualgayoc. However, this impersonality is not accepted by local people and they look for pacts with the Community Affairs Manager. The success of these pacts has destructive effects for those who are the marginalized ones: local people who are also within the area of direct impacts and suffer unemployment, a higher cost of life, contamination and lack of water. These consequences are examined through the Anthropology of Mining and Development.*

## Introdução

Este artigo é produto de quatro anos de estudo sobre mineração, desenvolvimento e conflitos no Peru, nos quais estão incluídos os nove meses de pesquisa etnográfica, de novembro de 2013 a outubro de 2014, na região de Cajamarca, norte do Peru, na província denominada de Hualgayoc. Realizei esta pesquisa como parte dos meus estudos de pós-graduação na UFRGS e poucos meses depois de defender a tese de doutorado começaram as controvérsias com relação a dois relevantes projetos de mineração no estado brasileiro meridional: o projeto Retiro (São José no Norte) e o projeto Caçapava do Sul (distrito de Caçapava do Sul). O caso de mineração em Hualgayoc certamente poderá contribuir para o debate sobre o extrativismo no estado do Rio Grande do Sul.

No lapso de tempo da pesquisa etnográfica de campo, chamou a minha atenção a relação ambígua entre os residentes do centro de mineração de Hualgayoc e a empresa moderna de mineração Goldfields-La Cima (cujo capital é majormente da África do Sul), uma relação que oscila entre antagonismo e expectativas por uma ocupação neste mercado de trabalho. A jazida denominada Cerro Corona está localizada entre a comunidade camponesa El Tingo e os caseríos<sup>2</sup> Coymolache Alto e Pilancones, e o centro urbano de Hualgayoc. A cava foi desenhada no que anteriormente era o cerro (montanha) Corona, que os nativos chamam de cerro Candelária, conexo ao cerro María que rodeia a cidade de Hualgayoc. No entanto, com a chegada da empresa moderna, os “mineradores” que trabalhavam na mineração subterrânea de Hualgayoc, como eles se autodefinem, não podem participar diretamente do desenho de uma jazida a céu aberto. Para terem algum tipo de trabalho, eles têm que fazer parte de associações para poder negociar com a empresa outras formas de ocupação. No entanto, os trabalhos nos quais alguns poucos são alocados são variados, e alguns trabalhadores com vários anos de experiência

---

<sup>2</sup> Assentamento reconhecido legalmente. Não dispõe de títulos coletivos de terra, mas é reconhecido como uma unidade organizativa para efeitos dos serviços governamentais. Equivalente ao *centro poblado* menor.

passavam a se ocupar como vigilantes ou como pessoal de serviços básicos. De mineradores, eles se tornaram como área de influência direta (AID), sem direito a trabalhar na cava e a serem receptores de projetos de desenvolvimento local, enquanto a terra continua sendo explorada e se configurando em um enorme buraco afetando o fluir das águas que brotavam pelas nascentes ao longo do distrito.

A diferença da mineração subterrânea, a mineração moderna a partir de 1990 trouxe outra dinâmica de relações que é vista pelas pessoas de Hualgayoc como “incumpridora” dos seus deveres com o distrito. Similar à etnografia de Stuart Kirsh (2001) que vincula as reclamações de uma população local com respeito a uma mina na Papua-Nova Guiné e uma complexa relacionalidade que foge da lógica do mercado e do cálculo racional, os hualgayoquinos também mobilizam a sua rede relações que a própria empresa alega não ter responsabilidade. No entanto, aqueles que conseguem algum tipo de trabalho ou benefício são acusados pelo restante da população por ter feito algum “pacto oculto”, de serem traiçoeiros, terem recorrido à feiticeira, etc, uma vez que é este restante que sofre com as consequências do dinamismo de possíveis pactos e ficam excluídos. O estudo mais recente de Kirsh (2014) ressalta que as novas tecnologias de mineração têm transformado as políticas laborais completamente, pois a mina moderna é de uso intensivo de capital. Embora os conflitos entre empregador e empregado dentro dos centros de mineração tenham se reduzido, o autor retoma os trabalhos da antropologia pós-estruturalista que criticam a linearidade do discurso desenvolvimentista, como é o caso da crise após o boom de mineração na mina Cooperbelt da Zâmbia, em 1960, descrita e analisada por Ferguson (1999), e como os mineradores experimentam esse declínio, social e culturalmente. Ao colapsar a economia mineira na Copperbelt, os espaços urbanos empobreceram, grande parte da população voltou a residir nas áreas rurais, e as expectativas de modernidade foram frustradas.

A partir deste panorama inicial, o objetivo do artigo é analisar como a mina Goldfields-La Cima, localizada no distrito e província de Hualgayoc, na região de Cajamarca ao norte andino do Peru, moderna hierarquizada, classifica e burocratiza as relações com as pessoas do lugar. No entanto, esta impessoalidade por parte da mina não é aceita pela população local, que procura estabelecer acordos, principalmente com o Gerente de Relações Comunitárias, em reuniões restritas, e em alguns casos até secretas. Os sucessos destes pactos ou convênios são vistos pelo restante da população (aqueles que não obtêm trabalho na mina) com “maus olhos”. Os resultados obtidos em conversas, entrevistas e observação nas mesas de diálogo foram analisados à luz dos estudos da Antropologia sobre mineração e desenvolvimento. Este trabalho está organizado da seguinte forma: após esta introdução, exponho sobre o projeto Cerro Corona cuja construção começou em 2008. A terceira parte trata dos pactos com o Muqui e os novos protocolos a partir da mineração moderna. Na quarta parte, contemplo a problemática ambiental. Na quinta parte explico sobre a área de influência direta (AID) e a forma como este termo modela relações. Finalmente, apresento as conclusões e referências.

### **Hualgayoc e os “compatuados”**

Diferentemente de outras jazidas localizadas na região de Cajamarca, o centro de mineração no distrito de Hualgayoc existe desde a época da colônia, quando o metal do cerro Hualgayoc foi “descoberto” em 1771, a 70 km de Cajamarca (O´PHELAN GODOY, 1991).

A mina a céu aberto que começou a proliferar no Peru a partir de 1990 como um caminho inquestionável de desenvolvimento não escapa dessa lógica. As pequenas minas que subsistiram começaram a fechar no final da década de 1980 pela implementação da política ambiental no governo de Fujimori. Os donos de minas declararam falência e deixaram em torno de 1.200 passivos ambientais (GUERRERO DE LUNA; TORRES LÓPEZ, 2012). Somente a mina San Nicolás era operada, pela empresa Goldfields – La Cima e pela empresa Coymolache, que operava no distrito ao lado, Chugur. Estes dois projetos configuram-se em duas cavas aprofundadas que tem causado transtornos cotidianos, sendo que no caso particular de Hualgayoc, o caminho ancestral foi interceptado pela cava, e as pessoas devem se movimentar pelos caminhos alternativos propostos pela mina; é preciso rodear as instalações e chegar à estrada Cajamarca – Hualgayoc, de carro.

Cabe aqui descrever brevemente o projeto. O Projeto Cerro Corona é operado pela empresa Goldfields desde o ano 2008, uma empresa da África do Sul que conta com um capital social de 1.135.227.383,29 nuevos soles (aproximadamente 1.092.341.952 reais brasileiros). De acordo com o relatório de 2016 (GOLDFIELDS, 2016), o projeto tem expectativa de processar 53,1 milhões de toneladas com conteúdo mineral até 2013 com a finalidade de produzir 1,0 milhões de onças de ouro e 203 K-ton de cobre na sua planta concentradora com capacidade para tratar 19.000 toneladas por dia. A mina é uma jazida de ouro e de cobre operado mediante métodos convencionais de exploração a céu aberto e tratamento de minerais sulfurosos mediante a extração por flotação de concentrado. Os concentrados são levados até o porto de Salaverry no Oceano Pacífico (região La Libertad) onde os produtos são exportados.

**Figura 1:** Mapa do projeto Cerro Corona em 2014

Fonte: Goldfields, 2016.

**Figura 2:** Cava Cerro Corona em 2014

Fonte: Acervo da autora, 2014.

**Figura 3:** O cerro Maria na sua forma original, em 1980



Fonte: Cortesia de Jorge Paredes Pacheco.

A área do projeto compreende as partes altas das bacias dos rios Tingo/Maygasbamba e Hualgayoc/Arascorgue, as quais drenam ao oceano Atlântico pelo rio Llaucano, Maranhão e Amazonas. As obras e instalações da mina ocupam as duas bacias hidrográficas, a do rio Hualgayoc e a do rio Tingo. Na primeira bacia, está localizada a cava, dois depósitos de material orgânico, duas poças de sedimentação, um atelier de manutenção de caminhões e um escritório. Na outra bacia, está localizado o depósito de material de rejeitos após ter recuperado os minerais valiosos, a pilha de rocha ou mineral caracterizado como estéril, a pilha de óxido mineralizado e a planta concentradora, a chancadora, e quatro depósitos de solo orgânico inadequado. A área total do projeto foi estimada em 570 hectares.

A operação mineira se estende desde o pico original do *cerro* Corona, um pico de 3.964 metros sobre o nível do mar até uma profundidade de aproximadamente 3.660 metros (GOLDFIELDS, 2014). Diariamente, o Projeto chega a processar até 17 mil toneladas, situando-a como um projeto de "mineração mediana", comparada com a mina Yanacocha que está localizada a uma hora e quinze minutos de distância de estrada e que processa até 150 mil toneladas por dia. O desenho em destaque é a cava final, que varia de 71 a 76,24 hectares, estando a área de extensão ao lado norte da cava (GOLDFIELDS LA Cima ampliará operaciones en Cerro Corona, 2014).

Se a operação mineira se estende desde o pico do *cerro* de 3.964 metros acima do nível do mar até uma profundidade de aproximadamente 3.660 metros, o desenho da jazida a céu aberto muda radicalmente a sua forma. Da *van* que se desloca da cidade de Cajamarca, as pessoas que viajavam comigo me indicavam que, antes, ao dirigir o olhar para onde estava atualmente a

jazida, estava “tapado” (havia um *cerro* lá), e que, hoje, podia-se enxergar até o outro lado do horizonte sem obstáculos. As pessoas ancoravam suas reflexões nessas mudanças dos *cerros* do distrito de Hualgayoc. Durante a minha estadia em Hualgayoc, consegui aos poucos entender como um desenho tão imponente podia afetar na vida das pessoas.

Uma senhora hualgayoquina comentou que, antes da chegada da Goldfields–La Cima, ela “puxava” água de um manancial próximo. Ninguém ocupava aquele terreno do manancial, ele estava abandonado, e muitas famílias o frequentavam. Contudo, o dono do terreno apareceu em razão das notícias da chegada da Goldfields e não permitiu mais a passagem para que as pessoas usassem o seu manancial (nem se sabe se o manancial ainda existe porque em Hualgayoc havia muita água). Para ela, esse é o maior impacto desde a chegada da empresa Goldfields, o desaparecimento das águas, contudo, seu esposo, que estava presente, afirmou que também havia coisas positivas: “hoje, não falta trabalho em Hualgayoc”. Ele narrou que, quando ele era pequeno, seu pai chegava exausto e sujo em casa após trabalhar na mina, e o jovem se prometeu nunca trabalhar na mina. Em abril de 2014, quando o conheci, ele trabalhava para a empresa Goldfields, no laboratório, em um sistema de sete dias, na semana seguinte sete noites trabalhando e depois sete dias de descanso, e seu pai conseguiu um posto importante na Prefeitura. Gutierrez justificava sua opção de trabalhar na mina justamente porque Hualgayoc é um povo “doente”. Para ele, Hualgayoc depende da mineração e, naquela fase de fechamento de minas, começo de 1990, Hualgayoc quase “morreu”. A única forma de manter Hualgayoc com vida é que continue sendo mineira, e, “por isso, eu digo, se em um lugar não houve mineração, que melhor que não exista”. O estudo de Taussig (2010) explica que os camponeses do vale de Cauca do seu estudo associavam as relações mercantis à esterilidade e a morte, e talvez, essa reflexão seja ainda importante para entender o depoimento do meu interlocutor no sentido que Hualgayoc, por ser município de mineração, somente pode sobreviver por meio de transações mercantis e todas as fontes de fertilidade e vitalidade estão sendo destruídas.

O curioso é que, mais adiante ao longo da pesquisa de campo, várias pessoas comentaram para mim que o pai do jovem Gutierrez foi o líder do maior protesto de Hualgayoc contra a Goldfields e hoje, após ter obtido seu trabalho na empresa, não se manifesta mais. O jovem Gutierrez, que também trabalhava na rádio, tinha obtido trabalho na mina em troca de não difamar a mina pela rádio. No ponto de vista dos hualgayoquinos, as pessoas que tinham obtido algum benefício com a mina não eram bons: não queriam mais comer junto com outros, não queriam dar carona, havia suspeita de que tivessem feito pactos com bruxos ou de que até tinham envenenado algum parente para não compartilhar o benefício. Veja-se bem que a lógica dos pactos não pode ser descartada, a suspeita de pactos escondidos daqueles que conseguiram algum benefício com a mina é relatada. Mas por que motivos tanto se suspeita e se fala de pactos neste novo contexto de mineração e trabalho? Antes de responder a isto, cabe mencionar que, por sua vez, os gerentes de Relações Comunitárias e de Desenvolvimento Sustentável, em conversas informais, comentavam que alguma coisa ocorria na “alma” dos hualgayoquinos quando



chegavam os projetos de mineração. Eu questionei sobre qual a interferência da mina nas relações locais, e os dois ficaram me olhando e me indagaram: “e o desenvolvimento?”

### **O *Muqui* e a nova mineração: novas formas de fazer pactos**

Um trabalhador do setor que conheci em Lima e que viveu em Hualgayoc por 10 anos disse-me que uma vez entrou em um túnel de Hualgayoc com um jovem engenheiro na década de 1980. Ele tinha esquecido os planos fora da mina – ainda à época mina de socavão –, assim voltou para o acampamento e, quando retornou com os planos, seu colega estava estendido no chão, alegando que o *Muqui* apagou sua lâmpada de carbureto com um suspiro, e que o deixou imobilizado, sentindo sua respiração perto da dele, na sua orelha.

Curiosa a respeito desta entidade, o *Muqui*, analisei algumas publicações e encontrei a de Salazar-Soler (2006, 1997), que traz depoimentos recolhidos dos trabalhadores de um centro de mineração da região de Huancavelica, no Peru central no final de década de 1970. De acordo com a autora, o *Muqui* é o guardião e o dono da mina e não está associado com a gênese da mina, mas com o seu poder de fazer aparecer e desaparecer o mineral aos trabalhadores que dela vivem:

Como agem os trabalhadores de Huancavelica diante deste ser poderoso, generoso e perigoso, fecundo e faminto? Existem dois tipos de relações que mantêm os trabalhadores com o *Muqui*: os pactos individuais e o ritual coletivo. Os mineradores dizem que o *Muqui* aparece para os trabalhadores oferecendo riquezas, bem-estar e mineral, em geral, em troca de oferendas de diversos tipos, que podem variar desde folhas de coca, cigarros e bebidas alcoólicas até a vida de um animal ou de uma pessoa. A divindade da mina se compromete a entregar o mineral ou o veio já trabalhado, isto pode ser feito em várias etapas, cada uma com as quais se constitui a renovação do pacto com as oferendas acima descritas. Uma vez cumprido o pacto, a entrega do mineral, o *Muqui* exige a sua parte ao trabalhador. O incumprimento do prometido suscita a cólera do *Muqui* e uma punição que se pode traduzir em uma doença, acidente ou própria a morte. Os mineradores de Huancavelica realizam uma vez ao ano (em geral, no mês de agosto) um ritual coletivo em honra da divindade da mina para lhe pedir fecundidade para a mina, bem-estar e proteção. (SALAZAR-SOLER, 1997, p. 431, tradução nossa)<sup>3</sup>.

São muito particulares as relações entre o trabalhador e o *Muqui* porque expõem que, para o minerador, o interior de uma montanha não é inerte ou sem vida e que a relação seja de todo instrumental; ocorrem “pactos” para poder ter acesso ao mineral, nos quais a vida do próprio trabalhador também é negociada. Entretanto, seus estudos ficam ainda mais interessantes quando, posteriormente, a autora (SALAZAR-SOLER, 2006) visita seu local de pesquisa de campo passados 20 anos, que, calculando, estima-se que seja na década de 2000. Nessa época, a mina estava em processo de fechamento e, dos 900

---

<sup>3</sup> Do original em Espanhol.



trabalhadores, permaneciam somente em torno de 300, dos quais 200, a maioria, trabalhava pelo sistema de terceirização. O que foi observado pela autora é que as pessoas já não faziam os “pactos” com o *Muqui* porque, segundo depoimentos, o *Muqui* tinha abandonado a mina e viajado para a mina Yanacocha, na região de Cajamarca. Salazar-Soler (2006) alega que não “seguiu o *Muqui*” porque, a partir de 1990, os estudos na Antropologia sobre mineração, e principalmente em Cajamarca, concentram-se nas relações entre a mina e suas áreas de influência direta (AID), e não tanto nos seus trabalhadores.

Quero chamar a atenção para o trabalho de Salazar-Soler (2006) pela forma como os seus informantes falam de uma série de pactos que devem ser perpetuados para serem “positivos”. Nesse sentido, os constantes “pactos” com o *Muqui* permitiam fazer contribuições ao dono da jazida, o *Muqui*, presenteando-o com coca, álcool ou alguma “alma jovem”, para eles poderem extrair o mineral que lhe permitiria ganhar o seu salário. Como já mencionado, o clássico estudo de Taussig (2010) revela que nos canaviais do vale de Cauca e nas minas de estanho altas bolivianas o diabo está presente no processo de proletarização e mercantilização do mundo camponês. Apesar da possibilidade de aumentar a produtividade e o salário, eles ainda parecem ver esse modo de produção como gerador de morte e esterilidade. No entanto, existem discordâncias, principalmente analisando o caso do norte do Peru onde o Diabo não parece ser exclusivo do processo de proletarização, senão vinculado a um processo de enriquecimento antinatural de uma pessoa, por exemplo, dentro de uma comunidade camponesa. Portanto, algo que não necessariamente passa por um processo de proletarização ou mercantilização. Apesar das discrepâncias, as pessoas associam o enriquecimento exorbitante, seja pelas causas que fossem, a uma mudança da pessoa, corporal e anímica.

A minha inquietude após ler a pesquisa de Salazar-Soler residia na possibilidade de pensar se o *Muqui* havia “partido” porque os mineradores tinham perdido a “experiência” de estar na mina, desenhando o túnel. A nova tecnologia da mineração moderna tinha alterado a forma de extração, e o trabalhador não estava tendo a experiência de eles mesmos perfurarem o socavão (a mina subterrânea); hoje era a máquina que, por assim dizer, vivia a experiência no lugar do trabalhador. Esta inquietude também partia de um encontro com um minerador que ainda trabalhava na única mina pequena do entorno. De volta a Hualgayoc, uma vez, andando a pé por “Mesa de Plata”, caminhando para o Cerro Corona, apareceu um senhor montado em seu cavalo usando um capacete de minerador. Vinha da mina São Nicolás. Ao falarmos, sugeriu que já tinha me visto rondando por aí, e, diante da sua insistência, embora não fosse verdade apresentei-me como sobrinha de Dona Joana (a mulher que tinha me alugado um quarto na cidade naquela época). Em seguida, ele advertiu:

Não ande sozinha nem fique por perto das “bocas de mina”. O *Muqui* pode aparecer por aí, às vezes pode aparecer em forma de uma pessoa familiar para te enganar e te levar para um lugar de onde você nunca poderá sair. Depois fica lá, encerrada por toda a vida.

(Depoimento de um minerador de San Nicolás, encontro em abril de 2014, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Essa fala do trabalhador, que por fim terminei sabendo que conhecia bem Dona Joana, explicava que o *Muqui* podia aparecer em forma de uma pessoa “simpática” para mim, de corpo diferente, para me puxar para o seu mundo, de onde eu não poderia sair. Ele me explicava que eu estaria como em um “quarto sem porta de saída”. Um texto de Cavalcanti (2014) destaca, a partir da sua pesquisa em uma comunidade quéchua na Bolívia, que, nos Andes, certos seres podem se apresentar de forma humana para que possam interpelar os humanos e lhe subtrair alguma vitalidade, parcialmente similar com o perspectivismo ameríndio (de Eduardo Viveiros de Castro e outros autores). Encontrei este sujeito em outras ocasiões nos espaços da Mesa de Diálogo que ocorria na cidade de Hualgayoc, e ele me disse que ter bom *ánimu* (força) é a melhor proteção contra o *Muqui*, para ser forte e não ceder aos desejos deste ser.

Chamou minha atenção que, para este minerador, o *Muqui* não parecia ser generoso; ao contrário, parecia um ser faminto. Em uma conversa com dona Joana, esta me contou que o seu pai tinha morrido em um desmoronamento da mina, assim como um de seus filhos aos 25 anos de idade. Antes da morte do primeiro, Dona Joana me revelou que seu pai tinha conversado com sua mãe e comentado sobre a aparição do *Muqui* e seu pedido por algumas almas jovens em troca do mineral. Seu pai contou para o capataz onde trabalhava sobre o ocorrido e, poucos dias depois, ele morreu em um desmoronamento. Dona Joana sempre ficou com a dúvida de que o próprio capataz ofereceu seu pai ao *Muqui* como oferenda para ter acesso a tais metais preciosos.

Mas este minerador trabalhava de uma forma artesanal, e as outras pessoas de Hualgayoc me falavam do *Muqui* como uma estória (do passado). E, ao observar o desenho a céu aberto, realizado por máquinas gigantescas e não por pessoas, ou seja, os mineradores, compreendi que havia mudanças relevantes. Hoje, com a empresa de mineração moderna, o desenho da cava da jazida de Goldfields é realizado por meio da perfuração, explosões e carregamentos (KNIGHT PIESOLD, 2005). Esse trabalho somente pode ser feito por maquinaria pesada (perfuradora, escavadora, caminhão basculante), em que, para cada tonelada de terra, é possível extrair um grama de ouro e de 0,7 a 0,9 gramas de cobre. Durante a pesquisa de campo, os mineradores que trabalharam na mina subterrânea até a década de 1980 informaram que, ao solicitar trabalho à empresa Goldfields – La Cima, os representantes da empresa diziam que eles não eram mais “mineradores” dentro do contexto atual da mineração moderna no Peru. Não sabiam fazer os novos procedimentos que o trabalho exigia apesar de que muitos tinham décadas de experiência trabalhando no fundo de uma mina.

Para mim, era difícil acreditar que os velhos trabalhadores manifestassem a nostalgia de uma Hualgayoc com histórico de frequentes mortes que ocorriam no trabalho dentro dos socavões. Mas as pessoas com as quais conversei na

---

<sup>4</sup> Do original em Espanhol.

cidade queixavam-se de que Hualgayoc, sendo da AID das operações do *Cerro Corona*, aquela que sente os impactos por ter uma jazida por perto, não usufruíam das ofertas de trabalho geradas pela própria mina. Eram principalmente pessoas de fora (de Hualgayoc) que podiam aproveitar os trabalhos oferecidos, pois requeriam qualificações, discriminando quem era hualgayoquino.

Eles agregavam que, para negociar algum tipo de benefício para os hualgayoquinos, isso deveria ser feito em reunião, nas mesas de diálogo, e com os Gerentes do setor de Relações Comunitárias e o Setor de Desenvolvimento Sustentável. Porém, o protocolo para lidar com os Gerentes é burocrático e tortuoso: "eles nunca estão em Hualgayoc", como me dizia uma mulher da comunidade El Tingo que queria resolver uma questão da escola. De tanto insistir com a Goldfields e o gerente não estar, foi até a mina de San Nicolás, falou com o engenheiro e, em 24 horas, resolveram o problema. O acampamento dos funcionários da empresa era a 15 minutos de van da cidade, e trasladavam-se em camionetes até a cidade de Hualgayoc quando havia reunião. Eles estavam estritamente proibidos de oferecer carona aos residentes porque, caso houvesse um acidente, a empresa teria que se responsabilizar. Este tipo de relação que escapa aos processos comuns de burocratização dos novos empreendimentos gera também sentimentos de desconfiança em relação a novos pactos, ocultos. A lógica é das relações impessoais, mas para parte das pessoas os sucessos são relativos a modos de subverter tal relação e criar laços, pactuar.

Na cidade, havia um escritório da empresa, onde trabalhavam principalmente os membros do setor de Relações Comunitárias, mas que careciam de poder de decisão. Assim, chamou minha atenção que a categoria AID, para o caso de Hualgayoc, aparecia para "incluir" a todos aqueles que sentem os impactos do Projeto Corona, mas também parecia que "domesticava" a forma como seus residentes se relacionavam com o *cerro*, com a cidade, com os engenheiros, entre outros. Eram "outros protocolos", porque, a partir do momento em que alguém é parte da AID, torna-se beneficiário do Projeto, e, portanto, simplesmente "ouvidor" (cliente) de propostas de projetos de desenvolvimento.

Pela ótica da antropologia, Ferguson (1994) faz uma análise crítica ao "desenvolvimento", que não é referido a processos de transição ou transformação que ocorrem ao longo da história, mas a "intervenções" que associam a construção de um espaço de pobreza à construção de soluções intervencionistas que ajudariam o país ou uma comunidade específica a sair daquele estado e suas populações empobrecidas a atingir uma "qualidade de vida". Esta associação consistiria em implementar soluções técnicas a problemas que seriam analisados a partir da ideia do que falta (o que falta ao outro para ser desenvolvido). Assim, aspectos que podem ser de natureza política devem ser "ajustados" ao caráter técnico. No decorrer do tempo, os projetos, como diz Ferguson, falham. Não apenas falham, mas os efeitos são perversos, de acordo com Ferguson (1994):

[...] resultados que, a princípio, parecem como meros “efeitos colaterais” de uma tentativa malsucedida para engendrar uma transformação econômica tornam legíveis outras perspectivas como não intencionais, ainda que instrumentais, elementos em uma constelação resultante que tem o efeito de expandir o exercício de um tipo particular de poder do estado enquanto simultaneamente exerce um efeito despolitizante poderoso. E esta constelação resultante “sem autor” eu chamo de máquina antipolítica [...]. (FERGUSON, 1994, pp. 20-21 *apud* RADOMSKY, 2011, p. 152-153).

Embora este livro de Ferguson, “A máquina antipolítica”, tenha foco nos projetos de desenvolvimento de agências de ajuda internacional a Lesoto, podemos ver aqui como o desenho da área de influencia direta (AID) pode ser despolitizante, uma vez que substituem o debate político (o desemprego, contaminação, divisão interna, entre outros) pelo saber técnico (e pela administração, burocratização e gerência de políticas sociais). Mesmo assim, o fato não implica que as pessoas subvertam essa imposição.

### **Água, desenhos e trabalho: a problemática ambiental**

A proposta de Goldfields é a Responsabilidade. Hualgayoc necessita emprego, El Tingo necessita emprego. Vocês nos deram à bem-vinda, mas a comunidade El Tingo entregou as suas terras, com eles nós temos um compromisso formal e moral. Goldfields processa 17.000 toneladas por dia, Yanacocha 150.000. É uma mina mediana porque as medianas vão de 5.000 a 50000 minas. Goldfields tem o seu tamanho. Pelo tamanho, pode dar trabalho. Pode-se melhorar o trabalho, mas tem o seu limite. A mineração sempre vai ser uma opção para Hualgayoc antes, durante e depois. Vocês têm que ter isso presente no seu futuro a mediano prazo. Vocês têm 300 anos de mineração. Mineração é uma opção hoje e no futuro. Têm que pensar que Hualgayoc é uma realidade minera, porque assim foi o destino de Hualgayoc, assim Deus o quis. (Depoimento de Gerente de Relações Comunitárias, março de 2014, tradução nossa)<sup>5</sup>.

A professora Fabiola, residente de Hualgayoc, lembrava que, primeiro, nas partes altas dos cerros, podiam-se encontrar fontes de água cristalina, que os engenheiros usavam como água destilada. Fabiola recorda quando chegou à empresa de consultoria ambiental Knight Piesold, que realizou o Estudo de Impacto Ambiental (EIA), esta fez enquetes a cada família sobre vários assuntos. Particularmente, indagou os moradores quais eram os meses em que havia “deficiência” de água, quantas pessoas residem na casa, qual a ocupação, a renda, as expectativas, quantos animais cada um tinha em tal ano e quantos têm hoje. De acordo com as palavras de Fabiola: “chegaram ao fundo de cada família”.

O EIA é um instrumento que reconhece o terreno para poder prever os impactos, caso o projeto de grande escala venha a ocorrer. A linha base é um inventário de todos os recursos naturais e das comunidades rurais na Área de Influência Direta, com as suas características socioeconômicas (LI, 2009, 2015).

---

<sup>5</sup> Do original em Espanhol.

Uma vez realizada a identificação, a outra fase do EIA é identificar os impactos. Li (2009, 2015) tem observado que, no caso de Yanacocha, nas apresentações públicas e nos materiais educacionais sobre o meio ambiente, os especialistas ambientais da mina diferenciam entre a palavra "contaminação" e "impactos", aspecto que também é observado no meu estudo. De acordo com o observado por Li (2015), os especialistas alegam que toda atividade humana gera um "impacto"; em contraste, definem "contaminação" como um efeito crítico, irreversível. Este dado proporcionado por Li é de se ressaltar porque, no caso de Hualgayoc, os engenheiros com os quais conversei também estabelecem claramente tal diferença.

Os engenheiros da empresa Goldfields indicaram que a "contaminação" foi efeito das atividades das empresas de mineração nas décadas de 1970 e 1980, ou seja, as de mineração subterrânea, inclusive a mina São Nicolás, que contamina até os dias de hoje os rios Tingo e Hualgayoc, já que as chuvas ainda levam parte da terra extraída com substâncias tóxicas. Essas minas contaminaram e continuam contaminando. A empresa moderna é diferente, afirmam. De acordo com os documentos da empresa (GOLDFIELDS, 2014), o projeto do Cerro Corona foi desenhado para consumir duas fontes de água. A primeira é vinda das chuvas, que são armazenadas no depósito de material de rejeitos após ter recuperado os minerais valiosos. Mediante um sistema de bombeamento, a água da chuva é enviada à planta de processos para ser usada nas diversas etapas até obter o concentrado do mineral. A água residual é derivada continuamente do depósito de rejeitos, repetindo o ciclo, ou seja, a mesma água é ciclicamente usada. A segunda são os poços subterrâneos que estão localizados na mesma cava. As pessoas que residem dentro da AID alegam que esses poços subterrâneos são os responsáveis por "secar" as nascentes e mananciais da área por sucção de água do subsolo. O gerente de operações me explicou que a falta de água ocorreu justamente porque houve um aumento da população urbana que se instalou na cidade à procura de trabalho na mina. O sistema arcaico de tubulação de água era insuficiente para poder abastecer toda a população e entrou em colapso. Assim, eles assumiram o abastecimento de água para a população por meio do deslocamento de água de outras fontes por carros-pipa, que é parte da sua política de responsabilidade social. Mas o que me surpreendeu é que as pessoas que faziam este serviço, de deslocar a água em carros, podiam ser pessoas da AID que quisessem se tornar empresários e receber apoio da empresa. Nesse sentido, o desaparecimento das águas, seja pelas causas que fossem, surge como uma oportunidade de projeto de desenvolvimento que contempla promover a geração de trabalho na área de influência. Aqui outra vez dialogo com os textos de Ferguson (1994) porque, se o autor se refere a projetos de desenvolvimento sendo construídos a partir das faltas e carências do público alvo, ao que parece, essas faltas aqui eram produzidas pela própria mina.

Porém, apareciam mais problemas. Nas minhas últimas semanas em Hualgayoc, ainda no ano 2014, a Gringa, dona do manancial que estava sendo alugado pela empresa para poder fornecer água à cidade, não permitiu a passagem dos caminhões-pipa para recolher a água e distribuir na cidade de Hualgayoc. Por quatro dias consecutivos Hualgayoc estava sem água: nem da

chuva, por ser verão, nem por carro-pipa. Quando questionei o Diretor da escola, chefe de Fabiola, sobre o problema, ele me disse que a Gringa era uma camponesa que está dentro da AID da mina e que tinha se tornado “empresária comunal” e alugava máquinas à empresa. Ser “empresário comunal” era uma opção de trabalho proposta em negociações entre a AID e Goldfields, para poder ter acesso às oportunidades de trabalho pela demanda de construção do projeto Cerro Corona. Isto é, está-se frente a casos relativos aos “novos pactos”. Aqueles que adquiriram maquinaria pesada, o investimento maior, foram justamente aqueles que venderam as terras à Goldfields, os que tinham no subsolo o tão demandado mineral do caserío Coymolache. Estes podiam dispor do dinheiro da venda para investir na compra de maquinaria e alugar para a empresa. Mas, aqueles que não foram contemplados para compra de terras, e sendo da AID, que eram principalmente do centro urbano de Hualgayoc, não tinham as mesmas facilidades para conseguir trabalho na empresa Goldfields, sendo 2014 uma situação muito mais crítica, porque era etapa de operações e não de construção, que demanda mais mão de obra. Para poder voltar àquele pico de demanda por trabalho, a estratégia parecia ser ampliar as operações da mina, expandir a cava, aniquilar mais nascentes, para contratar mais empresários comunais com seus carros-pipa, articulando e repetindo a história linear de Hualgayoc, de que é município de mineração, quando muitos não podiam ser mineradores por não terem habilidades para se empregarem em uma mina moderna. Quantos buracos mais eram precisos para criar postos de trabalho? O desenho não possui sustentabilidade e está sempre na possibilidade de expansão significativa da área de mineração para poder resolver problemas que ela própria criou – semelhante ao dilema do desenvolvimento, que precisa ser incessantemente renovado em novos projetos.

A Goldfields não tinha renovado o contrato de aluguel das máquinas da Gringa, assim como de muitos outros, porque estava agora na etapa de operações, e não se requeriam os seus serviços. Na exigência de renovar o contrato, Gringa não permitiu a entrada dos carros-pipa e deixou Hualgayoc quatro dias sem água. Sem um manancial onde buscar, as famílias ficaram quatro dias sem a fonte usual de água. Ao ser perguntada sobre isto, Fabiola me explica que a empresa Goldfields – La Cima veio com uma série de classificações para poder ter acesso aos benefícios. De acordo com o depoimento dela:

Antes da Goldfields, as pessoas trabalhavam, mas eram menos egoístas. Com a chegada da Goldfields, esta empresa os maneja de outro modo. Não sei se é pela sua política ou pelos seus interesses. Mas antes, claro, Hualgayoc tem sido mineradora por natureza porque assim criou-se Hualgayoc, pela mineração. Mas as empresas mineiras que vieram naqueles tempos, ou seja, o trabalho era livre, por exemplo, eu dizia “quero trabalhar na empresa Emilio Montoya Zambranos”, uma das empresas daqui, e a pessoa ia, pedia trabalho e lhe davam. A maior parte dos trabalhadores era do local. Mas, hoje o que está ocorrendo, é que eles (a empresa) vem com uma outra forma de trabalho. Criou-se uma associação de homens e outra de mulheres. Estas associações são trabalhadas a partir de juntas

diretivas. Aquele que não está associado, a mina não recebe. Mas é hualgayoquino e tem direito a esse trabalho? Antes, as pessoas trabalhavam com os seus armazéns, e vendiam um pouco aos trabalhadores. Agora, para vender, tem que ser da associação. Criaram-se conflitos entre trabalhadores. O povoado se dividiu em associações. O resto trabalha em *contratas*. Não lhes convém ter gente diretamente. Para mim, essas empresas não operam igual que as anteriores, o trabalho não lhes interessa. (Fabiola, depoimento de abril 2014, tradução nossa)<sup>6</sup>.

De acordo com o depoimento de Fabiola, a forma de a empresa se relacionar com o hualgayoquino exige entrar nas “categorias” da empresa, diferentemente da época de 1970 e 1980, quando bastava ser hualgayoquino para trabalhar. Tal como sustenta Escobar (2002), o desenvolvimento é “uma prática de vincular conhecimento e poder desde uma racionalidade completamente distinta à racionalidade que tem existido em cada lugar” (ESCOBAR, 2002) e, no caso de Hualgayoc, esta racionalidade burocrática e impessoal atentava contra o antigo dinamismo de relações entre o povo de Hualgayoc e as minas.

Além de Fabiola, outras pessoas relatavam que, antes, bastava procurar o engenheiro na mina para conversar e resolver algum assunto, hoje, tem que ligar por telefone, mas ele nunca está na linha. Blaser (2013) chama a atenção para o fato de que muitos projetos de desenvolvimento que supõem participação inclusiva funcionam para domesticar e disciplinar os “outros” através de formas cada vez mais sutis de coerção. Pelo relato de Fabiola, e a partir do que observei na minha pesquisa de campo, a empresa Goldfields classificou a os setores e também forma como “se relacionar” com os moradores de Hualgayoc: Área de Influência Direta, Área de Influência Indireta, os que venderam as terras na AID, os empresários, a Associação de Homens e de Mulheres, associação de comerciantes. Se fôssemos olhar pela lógica de Rancière (1996) que relaciona o “político” quando as pessoas às quais são negados os direitos reivindicam-nos de qualquer forma, esta nova série de técnicas de lidar com as comunidades, despoja-se deste público que pode demandar um direito de igualdade, e, ao contrário, o que emerge é um ódio profundo pelo outro que, além da hierarquia e classificação da empresa, gera divisões internas.

### **Desenhando a AID, desfazendo relações**

O EIA estabelece priorizar a AID. Assim, estamos trabalhando. Hoje, a Goldfields está na etapa de operações. A etapa de operações é diferente que a etapa de construção. Alguns de vocês devem ter trabalhado na etapa de construção quando conseguimos contratar a 3.300 pessoas em dois anos. Desde o ano 2012 a média é de 500 pessoas que são da nossa AID. Queiro ser claro sobre a forma de negócios da Goldfields, Goldfields trabalha com *contratistas* (terceirização). O pessoal *em planilla* (carteira assinada) é mínimo: gerentes, profissionais, pessoal de planta. As pessoas que trabalham

---

<sup>6</sup> Do original em Espanhol.



para a mina da nossa AID é exatamente 528 pessoas. No total, temos 1494 pessoas trabalhando para Goldfields. Dessas pessoas, 294 são diretamente contratados (carteira assinada), os demais trabalham por terceirização porque assim funciona este negócio. Dessas 1494 pessoas, 528 são da AID (Tingo, Coymolache, Pilancones e cidade de Hualgayoc). A base mínima (de acordo com o EIA) é 120. Por cima dessa base, damos prioridade. Isso é o que temos estabelecido no EIA. Para o caso concreto de Hualgayoc, se trabalha com duas associações e coordenamos com estes para dar trabalho. (Depoimento do engenheiro de Relações Comunitárias Goldfields durante a Mesa de Diálogo, 2014, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Nós estávamos esperando uma lista de todos os 1.494 para saber de que lugar provém cada um. Nós estamos esperando trabalho na esquina. Se não cumprem, vamos deixar um burro em Coymolache para que se retirem por onde vieram. Nós estamos nas nossas terras. Aqui, à mina não lhe pedimos por favor. (Resposta de um hualgayoquino ao depoimento acima citado, 2014).

Para poder escavar uma cava de tal dimensão e instalar a infraestrutura já descrita acima, a empresa teve que negociar com os donos da terra superficial dos caseríos Coymolache, Pilancones anexados à comunidade El Tingo. No entanto, a empresa somente requeria parte da terra, não toda, e somente algumas pessoas fizeram o contrato de compra e venda de terra. Assim, o que trouxe a nova mineração a partir de 1990 no Peru, na qual se encaixa a Goldfields, foi uma nova terminologia que implicava a divisão citada linhas acima: a divisão da população entre a Área de Influência Direta (AID) e a Área de Influência Indireta (AII) e, dentro da AID, aqueles que vendem a terra e aqueles que permaneceram com as suas terras.

Em uma mina de socavão, seguindo o que explicou Fabiola e o minerador de San Nicolás, muitos dos hualgayoquinos trabalhavam nas minas do *cerro* Jesus. O desenho consiste nas numerosas galerias interconectadas, que seguem o veio do mineral. Um geólogo me disse que a prata é depositada em formas de veios justamente porque emergiu na terra, nos Andes, pela explosão do magma, e se depositou a uma temperatura de menos de 300 graus. No topo do *cerro* Jesus, por exemplo, existe ouro disperso, que o desenho de galeria não poderia alcançar, então, desde a época da colônia, o desenho existia em função de seguir o veio de prata. O ouro segue lá, depositado. Desse modo, o desenho dos antigos modos de trabalhar na mineração – socavão ou mina subterrânea – segue o desenho criado há milhões de anos pela atividade geológica do planeta. Numa outra parte da montanha, o mineral se dispersa e geralmente era difícil obtê-lo. Assim, nos desenhos de uma mina a céu aberto há o *cerro* Corona que aparece agora como um buraco enorme cujo desenho foi aplicado para capturar o ouro e o cobre dispersos, que se depositaram dessa forma a uma temperatura maior que 600 graus. Para retirar o ouro e o cobre dispersos, a forma de extração a céu aberto é a forma como se pode recuperar o metal ali depositado, sendo que, para tal, precisa-se de outra instalação, a planta do material de

---

<sup>7</sup> Do original em Espanhol.

rejeitos após ter recuperado os minerais valiosos, para realizar a separação. Transforma-se a montanha em uma cava.

Em 2008 e em parte de 2009, a empresa Goldfields – La Cima, como já relatado, estava majoritariamente na etapa da construção da infraestrutura da mina. E, por esse motivo, a demanda de mão de obra é maior com relação aos anos após 2009, quando a etapa de operações e de infraestrutura estão finalizadas. Havia trabalho tanto para os empresários, como para a população local da AID, que podia ser contratada por estas mesmas empresas como trabalhadores. No entanto, muitos trabalham pelo sistema de “contrata”. Trabalhar “por contrata” significa que a empresa Goldfields contrata empresas, empresas comunais e outras empresas fora do distrito, e estas empresas contratam as pessoas da AID. No ano de 2011, 60 empresas aparecem como operativas, uma diminuição em comparação às 76 empresas que operavam em anos anteriores, justamente porque a partir de 2011 é a fase de operações e não de construção (GOLDFIELDS, 2014).

Em certa ocasião, consegui participar de uma reunião na cidade de Cajamarca onde estavam os empresários de maquinaria pesada que queriam renovar os Convênios com a Goldfields. Estes eram oriundos principalmente dos caseríos Coymolache e Pilancones que tinham conseguido vender as suas terras. Eu os segui até essa reunião porque no dia anterior, eles estiveram em outro evento entre os representantes da mina e os residentes do centro urbano de Hualgayoc que estavam desempregados. Quando perguntei a um dos empresários de maquinaria pesada porque estavam na reunião para a qual não tinham sido convidados, eles afirmaram que queriam garantir que a Goldfields não oferecesse trabalhos a “outros” (os do centro urbano de Hualgayoc) se eles já tinham um Convênio com eles e havia a demanda. Compreendi que este grupo, seletivo, procurava perpetuar a sua relação com a Goldfields ao máximo, inclusive vigiando para que não houvesse “acordos” com outras comunidades que também eram legítimas, como eles, da AID.

Em uma das reuniões da Mesa de Diálogo e Concertação, em agosto de 2014, o Gerente de Relações Comunitárias explicou que, desde 2012, 528 pessoas da AID trabalham na Goldfields, esclarecendo mais uma vez que o pessoal da Goldfields contratado diretamente é mínimo: gerentes, profissionais, plantas, e que o pessoal AID é contratado por terceirização. No total, eles têm contratadas 1.484 pessoas, 529 desse número são AID, 294 são diretamente contratados e o restante fora da AID e contratados por terceiros, o que provoca a fúria dos hualgayoquinos que esperam por uma vaga de emprego.

A professora Fabiola me falou que a empresa prefere contratar por esse sistema para não ter relação com o trabalhador, inclusive, preferem que sejam pessoas “de fora” justamente para não ter que saber de suas relações familiares ou se o trabalhador é pai de família. Como já mencionado, Kirsh (2001) explica justamente algo muito parecido ao analisar a demanda de compensações por parte de coletivos nativos na Melanésia: como as empresas ocidentais agem por meio do regime de propriedade que limita demandas alternativas à propriedade. Isto é, enquanto as empresas ocidentais na Melanésia querem fazer contratos limitando o quanto “devem” às comunidades locais, estas desejam manter o

vínculo com as empresas, pois, neste caso, opera a lógica da dádiva e da reciprocidade. Essa era a queixa de Fabiola, e a nostalgia com os donos de minas de 1980 e 1990 que conheciam as famílias dos seus trabalhadores.

Eu não tinha entendido a dimensão das tensões na cidade até quando Don Roberto, com 30 anos de experiência em minas e que não é nem de Pilancones, Coymolache nem El Tingo, relatou que o seu conhecimento no ramo era insuficiente para a Goldfields. Ainda assim, Don Roberto tem 25 anos de experiência só na mineração subterrânea:

Sempre trabalhei com mineração. Desde os anos 1970 Hualgayoc estava em apogeu de mineração. Antes de trabalhar na Goldfields, trabalhei com a família Emilio Montoya, Carolina. Logo, saí para trabalhar em Sipán, no sul do país, em Apurímac. Tenho 25 anos de mineração. Sou o Presidente da Associação de Mineradores de Hualgayoc. Pensávamos que assim poderíamos cobrar os direitos do trabalhador. A associação é somente para ter as pessoas para quando a empresa precisa. Quando queríamos fazer uma queixa, o ministério não nos reconhecia. Onde deixar a minha queixa? Busquei assessoramento, formamos um Sindicato. 300 pessoas no Sindicato. [...]. Sempre nos dizem que não estamos preparados para trabalhar. Por quê? Trabalhamos tantos anos na mineração. É uma discriminação. Eu comecei a trabalhar em 1979. A mineração, antes, era muito diferente. Em 1979 tínhamos seis empresas mineiras, Colquirumi, Banco Minero, Emilio Montoya, San Nicolás, Los Mantos, o Banco Minero. Em 1982 chega Carolina. Em 1990, os sindicatos são destruídos, as empresas vendidas, muitos ficaram sem trabalho. Sofreu este *pueblito*, todos ficaram sem trabalho. Desde 1990, veio o desemprego. A mina Carolina continuava até 2002. As pessoas começaram a migrar. Quando a Goldfields chega em 2004 chegaram muitos e começaram a trabalhar. Mas não há trabalho. (Depoimento de Don Roberto, 2014, tradução nossa)<sup>8</sup>.

O que expõe Don Roberto é fundamental. Ele, como muitos outros, aceitaram que a empresa operasse em Hualgayoc justamente pela esperança de poder trabalhar como minerador em sua terra. Tal caso semelhante ao que Kirsh (2014) relata, o tema 'trabalho, terceirização e emprego' está no centro dos problemas da nova mineração. No ano 2014, Don Roberto estava desempregado, sendo minerador e havendo uma única mina. No entanto, estava participando das reuniões da "ampliação" de operações da Goldfields, que justamente afetaria o seu caserío, Quadratura, onde tinha uma pequena propriedade de terra, que tinha se tornado recentemente AID. Em outra uma reunião que eu assisti, apareceu o Gerente de Relações Comunitárias com sua equipe para fazer o "Convênio" com o caserío de Roberto que se chama Quadratura. A reunião consistia em desenhar um convênio entre o caserío e a mina, justamente porque tinha se tornado AID. A proposta pela mesa de Quadratura consistia na demanda de bolsas acadêmicas, vacas por família, estrada moderna entre Quadratura-Hualgayoc, galpões para os porquinhos de índias, capacitação em maquinaria pesada, assessoria para fazer empresa

---

<sup>8</sup> Do original em Espanhol.

comunal e empreendimento de plantação de quinoa. Ao final, o caserío acabou obtendo bolsas para capacitação de MS Office, a opção de uma única empresa comunal para fazer serviço de van e novilhas. No caso das vacas, solicitavam uma vaca por família, e um funcionário da mina alegou que vacas não seria possível porque eles não saberiam como tratá-las, teria que ser uma novilha (de 19 a 30 meses) ou terneira (menor de 8 meses) porque assim aprenderiam e, além disso, a novilha se acostuma ao solo de altura. Quando as pessoas começaram a se alterar, o Presidente de Rondas de Quadratura falou: "que seja novilha ou terneira, o importante é que nos deem". Demonstro este exemplo justamente para mostrar que o importante, e o que ficou marcado pelo Presidente de Rondas, é fazer o "pacto", um pacto que hoje se faz com o Gerente de Relações Comunitárias ou do Desenvolvimento Sustentável. Será esta a última transmutação do Muqui?

### Conclusões

Sim, é a última transmutação do Muqui, no entanto, este pacto é muito mais dispendioso. Em Hualgayoc, o novo desenho de mundo da mineração a céu aberto suplanta os velhos modos de operação mineira da região, ainda que a lógica extrativista tenha permanecido. Apresentam-se profundas mudanças a partir do desenho de uma jazida a céu aberto já existente desde 2008, mas ocorre uma resistência também a essa impessoalidade imposta pela empresa mineira. Para os mineradores de Hualgayoc, a contradição é que, tendo aceitado a nova empresa para operar no seu território visando à reconstrução de Hualgayoc enquanto município de mineração, a própria empresa impõe uma forma burocrática e impessoal de interagir que é contestada pela população local.

Embora hoje pareça que o Muqui "partiu" – como afirmou a pesquisadora do tema – ou é coisa do passado, as práticas de pactuar secretamente continuam alimentando o imaginário e as negociações. Entretanto, pode ser visto que o impacto dessas negociações pode ser muito mais "destruidor", no sentido que são muitos os que sofrem as consequências de não ter água. Para o centro urbano de Hualgayoc, cujas pessoas ali residentes não negociaram terras, os efeitos são variados: o tremor da terra, o pó tóxico da jazida, a falta de água, o aumento de preços e, ainda, ter que suportar a arrogância, como comentam, daqueles que conseguiram algum benefício. A nova empresa mineradora gera divisões internas à sociedade local. Se Taussig (2010) observa que as relações mercantis são "assimétricas e destruidoras da reciprocidade", estas relações em uma mina a céu aberto parecem ter uma magnitude maior de destruição, inclusive porque são os marginalizados do processo que acabam sendo "sacrificados" para que os pactos ocorram e que as transações dos que têm algo a negociar sejam bem sucedidas.

Efetivamente, de "mineradores" os hualgayoquinos passaram a ser uma Área de Influência Direta (AID), isto é, receptores de projetos de desenvolvimento pela política de responsabilidade social empresarial. Evidentemente, pela magnitude do projeto, eles não podem participar do desenho, e, assim, a autonomia é pelo menos parcialmente perdida. Agora, por

serem área de influência do projeto, as pessoas de Hualgayoc se veem na necessidade de fazer convênios, criar novas ocupações, sempre na dependência da própria empresa. Por sua vez, a empresa não deseja permanecer sempre responsável pelos empregos na região. Essa é a ambivalência do “desenvolvimento” por meio da mineração: ela força o caminho único (só a mineração pode resolver os problemas econômicos), mas efetivamente as pessoas observam os dilemas e criticam isso; a mineração cria problemas ambientais e sociais, e isso não passa despercebido pelos habitantes que, no máximo, conseguem negociar postos de trabalho ou contratos.

## Referências

- BLASER, M. 2013. Ontological conflicts and the stories of peoples in spite of Europe. *Current Anthropology*, Chicago, v. 54, n. 5, pp. 547-568, outubro.
- CAVALCANTI-SCHIEL, R. 2014. Para além das terras altas e baixas: modelos e tipologías na etnología sul-americana. *Revista de Antropología*, São Paulo, v.57, n.2, pp. 251-290.
- ESCOBAR, A. 2002. Globalización, desarrollo y modernidad. In: ESCOBAR, A. et al. *Planeación, participación y desarrollo*. Medellín: Corporación Región, pp. 9-32.
- FERGUSON, J. 1999. *Expectations of modernity: myths and meanings of urban life on the Zambian Copperbelt*. Berkeley: University of California Press.
- FERGUSON, J. 1994. *The anti-politics machine: development and bureaucratic power in Lesotho*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press.
- GOLDFIELDS LA CIMA. 2016. *Reporte Integrado 2016*. Lima: Goldfields - La Cima.
- GOLDFIELDS LA CIMA. 2014. *Responsabilidad social 2013*. Lima: Goldfields - La Cima.
- GOLDFIELDS LA CIMA ampliará operaciones en Cerro Corona. 2014. *Gestión*, Lima, 9 out. 2014. Disponível em: <<http://gestion.pe/imprensa/gold-fields-cima-ampliara-operaciones-cerro-corona-2110679>>. Acesso em: 26 jun. 2015.
- GUERRERO DE LUNA, R.; TORRES LÓPEZ, F. 2012. Más de 1200 pasivos ambientales en Hualgayoc esperan ser remediados. *El Comercio*, Lima, 9 jan. 2012. Disponível em: <[http://elcomercio.pe/peru/1358583/noticia-mas-200-pasivos-ambientales-hualgayoc-esperan-remediados\\_1](http://elcomercio.pe/peru/1358583/noticia-mas-200-pasivos-ambientales-hualgayoc-esperan-remediados_1)>. Acesso em: 26 jun. 2013>.

- KIRSCH, S. 2014. *Mining Capitalism: the relationship between corporations and their critics*. Oakland: University of California Press.
- KIRSCH, S. 2001. Property Effects. Social networks and compensation claims in Melanesia. *Social Anthropology*, Cambridge, v. 9, n. 2, pp. 147-163, junho.
- KNIGHT PIESOLD CONSULTORES. 2005. *Sociedad Minera La Cima S.A.: Estudio de impacto ambiental. Proyecto Corona. Resumen Ejecutivo*. Lima: Knight Piesold.
- LI, F. 2015. *Unearthing conflict: corporate mining, activism, and expertise in Peru*. Durham: Duke University Press.
- LI, F. 2009. Documenting accountability: environmental impact assessment in a Peruvian mining project. *Political and Legal Anthropology*, [S.l.], v. 32, n. 2, pp. 218-236.
- O'PHELAN GODOY, S. 1991. *Vivir y Morir en el mineral de Hualgayoc a fines de la colonia*. Durham: Duke University.
- RADOMSKY, G. 2011. Desenvolvimento, pós-estruturalismo e pós-desenvolvimento: a crítica da modernidade e a emergência de "modernidades" alternativas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 26, n. 75, pp. 149-162.
- RANCIÈRE, J. 1996. *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Editora 34.
- SALAZAR-SOLER, C. 2006. *Supay Muqui, dios del socavón*. Vida y mentalidades mineras. Lima: Congreso de la República.
- SALAZAR-SOLER, C. 1997. La divinidad de las tinieblas. *Bulletin de L'isntitute français déstudes andines*, Arequipa, v.26, n.3, pp. 421-455.
- TAUSSIG, M. 2010. *O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul*. São Paulo: Unesp.